



MANIFESTAÇÕES DA CULTURA INFANTIL NA REALIDADE AMAZÔNICA

Thamires Furtado das Chagas¹
Ângela Maria Rodrigues de Figueiredo²

RESUMO: O presente trabalho compreende as crianças como o centro de uma discussão ampla a respeito da construção da infância por meio das brincadeiras lúdicas, apontando para a necessidade em se disponibilizar tempo/espaço para vivenciar a infância, possibilitando assim uma reflexão mais aguçada na Universidade e, sobretudo na comunidade, acerca do lugar da criança e da infância no município de Parintins. Onde, o objetivo principal visa evidenciar os usos e apropriações dos espaços públicos destinados à criança para suas brincadeiras. Sendo que para a realização deste estudo investigamos 02 bairros da cidade, sendo 01 localizado próximo ao centro da cidade e outro distante do centro, fruto de ocupação irregular, sendo que empregamos os pressupostos da pesquisa etnográfica, utilizando para coleta de dados, entrevistas com crianças e com os adultos (pais ou responsáveis), desenvolvendo a observação direta participativa, sendo que estes dados foram registrados em diário de campo e gravações de vídeos, os quais foram feitos com base no princípio de autoria/autorização dos sujeitos envolvidos. Dessa forma, identificamos as brincadeiras mais usuais no cotidiano das crianças e relacionamos os principais espaços destinados (ou não) à brincadeira infantil, destacando as condições de utilização deste pela criança para suas brincadeiras. Contudo, o reconhecimento das crianças como sujeito de subjetividade, passa necessariamente pela visibilidade dada a ela face da sociedade em que vive, ou seja, o espaço e a importância que ela ocupa no contexto social, o que nos levou a uma ampla reflexão sobre a criança e a infância no contexto da pesquisa.

Palavras-chave: Criança. Cultura. Brincadeiras. Subjetividade.

Introdução

Com objetivo de compreender as crianças sob diferentes perspectivas e contexto, valorizando-a como um ser de especificidade sem que haja a naturalização da infância, buscamos evidenciar os usos e apropriações dos espaços públicos utilizados para a realização de brincadeiras infantis e como esta produção cultural se concretiza no cotidiano das mesmas.

Com isso, adotamos uma postura investigativa em dois Bairros do Município de Parintins, sendo que um encontra-se localizado próximo ao centro da cidade e o outro se localiza na periferia, fruto da ocupação irregular mais recente na cidade. Observamos e acompanhamos 02 (quatro) grupos de crianças de cada localidade durante as brincadeiras, conversas coletivas; realizamos também entrevistas com os mesmos e com os adultos responsáveis ou apenas residentes nos bairros que se faziam presentes nos arredores dos espaços em que rotineiramente ocorriam as brincadeiras.

¹ Acadêmica do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas – CESP/UEA. Brasil. Email: fchagas.thamires@hotmail.com

² Professora da Universidade do Amazonas – CESP/UEA. Doutoranda no PPGSCA/Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Brasil. Email: angelaf.uea@gmail.com

Desenvolvemos, portanto uma aproximação intensa com os grupos, a fim de alcançar uma descrição detalhada de sua cultura lúdica. Todo o processo de pesquisa foi deste modo, pautado nos pressupostos da etnografia, a qual possibilita olhar de muito perto. Nesse sentido a nossa principal tarefa foi compreender as formas como as relações sociais se estabelecem, refletir a partir da perspectiva infantil acerca das experiências vivenciadas por/entre elas quando brincam e acerca do espaço-tempo que utilizam.

Nesse aspecto compreendemos que a pesquisa é de suma importância para o reconhecimento da criança como sujeito de direitos e de relações socioculturais que sofre influências e ao mesmo tempo influencia o contexto em que vive. Por meio destas reflexões podemos consolidar caminhos que ultrapassem o paradigma da criança como mera receptora de influências sociais e que vive esta “etapa” da vida de forma homogênea em todo tempo-lugar.

Assumimos este estudo com a expectativa de colaborarmos nos desdobramentos de outras pesquisas que possam discutir a criança, as condições culturais da e para a infância, de modo a ampliar a compreensão de ser criança, a qual possuem especificidades que necessitam ser compreendidas pela sociedade.

1 Brinquedos e brincadeiras: a rua como espaço lúdico

A rua cumpre diferentes finalidades sendo uma delas a circulação de experiências comuns a indivíduos de diferentes origens, crenças, nível social, enfim, é um seleiro de diversidade que também é tomado por crianças como espaço lúdico, onde brincam, interagem com outras crianças, socializam suas experiências e se submetem a uma gama de influências ao mesmo tempo em que influenciam a dinâmica do espaço com suas presenças.

Deste modo, podemos ponderar que a rua não se limita a um só fim, ela é o espaço que mais abrange diversidade de atividades. Para Tuan (1983, p. 23) “O lugar é segurança e o espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro”. Neste sentido a rua não pode ser compreendida apenas como um traço do crescimento urbano e a formação de cidades, ou local de percurso para locomoção de pessoas, mas é um espaço de socialização que no contexto investigado reflete a cotidianidades das pessoas por meio do trabalho, das brincadeiras, etc.

Destacam-se neste espaço as brincadeiras das crianças no Bairro onde a presença constante destas nas ruas faz parte da rotina seja, nas brincadeiras de futebol ou andando de bicicleta tomada emprestada de adultos. Presenciar pequenos grupos de crianças brincando de bola nas ruas em frente de suas casas poderia representar apenas uma liberdade perigosa à primeira vista, mas verificado mais de perto é uma rica oportunidade de troca, de aprendizagem de valores e de convivência e respeito.

A gente prefere brincar em grupo, porque é mais legal, assim, é mais divertido. A gente se mistura, meninos, meninas, eles vem e a gente brinca aqui, fica mais divertido, é mais legal do que brincar sozinho né? A gente se diverte mais com as bagunças. (Grupos A_Criança do bairro da União).

Geralmente esses grupos formados eram compostos por crianças de diferentes faixas etárias assim como também de gênero, ou seja, envolvem-se meninas e meninos na mesma brincadeira o que permite as diversidades de conhecimentos

permutados. Crianças aprendendo entre si, a respeitar regras e o outro, independentemente do gênero, pois as regras valem para todas as crianças e a brincadeira como eles diziam “*é pra valer*”.

Quanto às regras, as crianças criam e recriam ao seu bel prazer, antes de começar a brincadeira as expõem de uma forma consensual que nas brincadeiras passam a ser o momento de negociação.

É...sempre tem algumas regras. A gente conversa e vê como vai ser. É sempre criada pelo grupo, por todos do grupo. Ah! Quando tem opinião diferente a gente conversa e cria só uma. Aí todos seguem. (Grupo A- Crianças do bairro da União)

Tendo em vista que as regras são negociações feitas entre elas, essas não precisam estar escritas ou que alguém pré-determine, é algo que as crianças estabelecem ou reestabelecem, mas que a partir do momento que é constituído são seguidos criteriosamente por todos, sendo que se alguém infringir todos os participantes reclamam e as fazem valer resultando em alguns casos em punições aos participantes que transgredir, deste modo:

Criam redes de relações, em que papéis são atribuídos dinamicamente no desenrolar das interações, em que conhecimentos, regras e procedimentos são continuamente trocados, reformulados e repassados [...] (CARVALHO et al, 2003, p. 16).

Assim as crianças identificam os limites, as regras que regem a sociedade e aplicam em seu universo uma nova forma de compreender como está organiza a vida e a convivência naquele lugar. Santos e Vogel (1985 *apud* MENDONÇA, 2007, p. 3), nos trazem uma visão mais aproximada dessa concepção de rua como espaço de interação, apontam a rua “como uma extensão da casa para diversas comunidades, observadas e vivenciadas por meio de atividades cotidianas, como as brincadeiras infantis e encontros de vizinhos, ou sazonais, como as festas”. Evidenciando, em meios a essas representações, a flexibilidade das apropriações da rua como campo para a expressão da cultura infantil, alternativa utilizada pelas crianças para a socialização entre si.

É na rua que muitas vezes as crianças se sentem em liberdade, por outro lado ficam expostas a outras intervenções nem sempre tão enriquecedoras. Nesse sentido Delgado e Muller (2006) apontam a urgência de um movimento que exija um planejamento que vise as crianças como pertencentes a um grupo social, o qual precisa de espaço para as suas representações, valorizando suas especificidades, onde possam interagir com a mesma desenvoltura da socialização praticadas nas ruas mais em maior segurança.

Isso permite uma análise mais apurada do processo de urbanização onde as ruas tornam-se inapropriadas para as brincadeiras infantis tendo em vista o grande fluxo de veículos, a alta taxa de criminalidade, o que expõe a integridade física das crianças. Por outro lado a delimitação do espaço da obriga as crianças se isolarem dentro de casa quando não se dispõe de um local destinado a suas brincadeiras. Porém, mesmo com tantos entraves as ruas ainda continuam sendo o lugar para as representações sociais possibilitadas pelas brincadeiras no Bairro da União.

É fato que o processo de globalização afetou a relação das crianças na sociedade contemporânea quando não a considerou como grupo social por si mesmo. Segundo

Sarmiento (2001) esse processo tem criado tensões contraditórias que contribuem para a formação de identidades sociais fragmentárias e mutantes, para ele este o espaço contemporâneo é o espaço da (re) institucionalização da infância.

No bairro da União as ruas ainda são os lugares mais utilizados para as brincadeiras infantis e por meio da pesquisa pudemos percebê-la como parte da experiência íntima de cada um. Afinal, enquanto brincam experimentam o lugar vive e revive singularidades, percebem sons, cores, cheiros e imprimem sua marca num processo de conhecimento que é ao mesmo tempo um autoconhecimento.

Brincando de futebol, empinando papagaio ou pulando amarelinha, as ruas se enchem de cor, de movimento, de gritos, às vezes entre buzinas. Todos os dias as mesmas atividades numa dinâmica, em nosso ver, repetitiva, mas que na verdade se renovava a cada rodada, a cada dia um novo sentido, pois como numa obra de arte “[...] cada criação muda, altera, ilumina, aprofunda, exalta, recria e cria antecipadamente todas as outras [...]”. (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 46). Porém o olhar adultocêntrico do pesquisador acusará repetição, mas a empolgação das crianças diante de suas produções como se fosse a primeira vez, nos remeteu à ideia de recriação, a cada dia um significado novo para cada praticante.

Dos poucos brinquedos que pudemos presenciar durante as brincadeiras a corda improvisada, a bola desgastada pela utilização diária e o papagaio construído pelas próprias crianças com haste flexível e recoberto com papel de seda ou com sacolas de supermercado, foram os principais brinquedos utilizados como suporte nas brincadeiras. Estes brinquedos partilhados evidenciam-no como objeto que tem o papel de despertar sentido às brincadeiras, deste modo eles são fornecedores de representações, mas quem os re-funcionaliza são as crianças (BROUGÈRE, 2010).

A liberdade com que as rabiolas de sacola tremulam no ar permitindo que o brincante manobre o brinquedo, contrasta com os perigos do trânsito ao se ficar horas a fio olhando para o alto, além do perigo da competição com o uso de cerol³ algo que é proibido pela Lei nº 478/2010/PGMP, que dispõe sobre a proibição de comercialização de uso de cerol ou de qualquer material cortante em linhas ou fios usados para empinar pipas e papagaios, e ainda dá outras providências. Esse fato nos causou inquietação uma vez que para elas a brincadeira é encarada como desafiadora, excitante, pois se divertem com a competição e em contrapartida com o eminente risco da prática.

Quando brincam com outras crianças ficam exaltados, apreensivos para “*quedar*”⁴ o brinquedo do concorrente, era como se houvesse uma disputa de espaço aéreo onde aquele que ganhar se torna o mais novo líder do grupo e conquista o respeito dos demais. Nesse jogo de papeis, a criança constrói e reconstrói sua experiência, amplia seus modos de agir e de se relacionar com o mundo, de modo que, oportuniza o desenvolvimento da autonomia, da criatividade e da responsabilidade (QUEIROZ; MACIEL e BRANCO, 2006). Como não há um local específico para essa brincadeira crianças seguem expondo-se a riscos e provocando riscos a outras pessoas.

³Mistura cortante de vidro moído e cola que se passa na linha com que se empinam papagaios ou pipas, a fim de que possa talhar a linha de outro papagaio ou pipa quando ambos estão no ar (HOUISS, 2010).

⁴Expressão que as crianças utilizam quando derrubam o papagaio do outro.

Desse modo, a cada rua que passávamos tinha um ou mais grupo de crianças brincando, disputando territórios e construindo territorialidades entre os veículos que ali transitavam, situação essa ressaltada pelas crianças *“Não é um local adequado por causa do trânsito, porque passa toda hora moto, carro, bicicleta”* (Grupo B - Crianças do bairro da União).

Esse fator dificulta as brincadeiras, as quais acontecem muitas vezes entre os veículos em trânsito, o que para elas dificultava, mas não impedia que elas buscassem formas de ser criança. A possibilidade de se desenvolver por meio de suas próprias descobertas propicia momentos de liberdade necessária para a representação simbólica, sem que estas se constituam perigo eminente à criança (SARMENTO, 2011).

E todos os dias era essa mesma prática que se renovava, chegavam da escola e mal dava tempo de trocaram de roupa, seguiam para a rua, e logo perguntavam dos colegas que ainda não haviam chegado. Então começavam a brincadeira e às disputas de quem fica no grupo de quem, quem fica com a bola, quem começa a brincadeira e tantas outras situações que eram vivenciadas. De acordo com Wajskop (2012, p.39) *“a brincadeira é a atividade na qual as crianças procuram resolver seus conflitos, compreender o mundo e as ações humanas nas quais se inserem cotidianamente”*. Então as ruas ganhavam um novo olhar, era cenário de aprendizado para a vida, de construção de subjetividade das crianças que ali brincam.

Contudo, as crianças na tentativa de vivenciar sua infância expõem-se a perigos constantes, ou seja, para realizar a troca de experiências por meio das brincadeiras dominam os espaços, tornam seus, embora sejam inapropriados para a prática de sua cultura, mas é a forma que encontram de usufruir sua infância marcada, de certo modo, por significativa autonomia.

1.1 As brincadeiras no parque: caminhos e descaminhos

Quando se destina tempo e espaço para que as crianças brinquem e troquem experiências está se valorizando o ser criança enquanto sujeito social possuidoras de especificidades que necessitam ser respeitadas. Hoje, segundo Sarmiento (2009) os traços mais marcantes da sociedade são as frequências com que são criadas instituições educativas e maior dominação do espaço cultural infantil.

Esta perspectiva coloca em discussão principalmente a instituição educativa como locus principal da criança e de suas vivências/experiências, seja a escola, os parques ou outras áreas de convivência preparadas para elas por adultos. Essa suposta valorização da criança contrasta com as obrigações cotidianas que preenchem o seu tempo e restringem a liberdade de circulação e de escolha. Para Beltrame e Oliveira (2011, p.8), *“o ato de brincar só é válido quando vem da necessidade da criança, pois é ali que flui sua liberdade de criança, e ela utiliza-se de sua personalidade integralmente”*.

No parque, segundo local alvo de nossa pesquisa a brincadeira tem hora, tempo e espaço para acontecer, sempre sob supervisão do adulto. Tendo em vista que na casa muitas das vezes não lhe é disponibilizado espaço/tempo, na escola a criança é instigada a desenvolver atividades de sala de aula esquecendo-se de que antes de ser aluno ela é criança, como frisa Faria (2002), e no âmbito social raramente se tem

um lugar destinado para a socialização das crianças em que possam, como segurança, brincar e construir seus conhecimentos através da troca de experiências entre seus pares.

A construção de parques infantis em sua origem, segundo Beltrame e Oliveira (2011) teve Mario de Andrades como um dos precursores no Brasil, ele idealizou o parque como espaço em que as crianças ao brincar aprendessem de forma significativa. Um espaço no qual as crianças entram em contato com lúdico, através das brincadeiras, nos jogos tradicionais ou não, dentre outros artefatos que direcionam o brincar.

Raramente foram presenciadas crianças brincando nas ruas, o parque “Cidade das Crianças Pixita Cohen” é o local onde se reúnem crianças para este fim. O parque já fora denominado Parque Balão Mágico e Xibiolândia, e de acordo com informações repassadas por um dos pais que se faziam presente, o parque era muito mais atrativo, apesar de antigamente apresentar uma estrutura mais rústica. Em suas falas as memórias retornam como se estivessem acontecendo frete aos seus olhos. No tom de sua fala é perceptível a saudade, saudade dos amigos de infância e da própria infância que segundo ele foi muito bem vivida.

Eu tenho uma história aqui nesse parquinho, pois eu vivi minha infância aqui nesse parquinho. Eu acompanhei a mudança dele, as várias mudanças que ocorreram no decorrer dos anos. E ele continua de pé, mas mudou muita coisa né, pro que era antes. Os brinquedos eram melhores, ele tinha mais espaço, o parque, não tinha tanto perigo como tem hoje, parte de concreto, brinquedo perto de árvore. Então atualmente ele está mau projetado. Meu bairro é aqui o Emillio Moreira, eu morava aqui no São Benedito, vivi cresci aqui, mas é perto também daqui né? Foi preciso fazer uma mudança, mas o parque continua no coração, o Parquinho Balão Mágico esse era o nome, nem sei se ainda é esse nome. (Pai de crianças que no Parque).

O parque já sofreu algumas transformações ao longo do tempo, atualmente é chamado de Parque “Cidade das Crianças Pixita Cohen”. Segundo o entrevistado, as modificações que ocorreram na estrutura física alteraram os brinquedos e o próprio espaço de circulação e lazer.

Assim, os brinquedos que eram mais interativos foram substituídos por brinquedos que são utilizados de forma individuais, ocupando assim maior espaço, dessa forma foi necessário aumentar a quantidade de certos brinquedos, como é o caso: dos balanços, escorregadores, das casas de escaladas e etc., também o espaço da quadra que antes era de areia, hoje é de concreto e do campinho que atualmente não se têm mais. Vale ressaltar que as crianças sentem falta de espaços mais amplos para brincar de bola e demais brincadeiras que exigem um local mais amplo.

Dessa forma, as especificidades das crianças acabam não sendo respeitadas em sua totalidade, pois suas necessidades de mobilidade ficam limitadas e, por fim deixam de ser priorizadas como se aquilo que é proposto pelos idealizadores do parque (adulto) fosse suficiente para atender as crianças. Não se questiona quais são suas reais necessidades, ou seja, o que querem as crianças, suas vozes ficam obscurecidas, não são consideradas como digna de serem ouvidas e o que prevalece é uma infância universalizadora cuja dignidade das crianças nem sempre

é pensada a partir delas, dos seus pensamentos (NORONHA, 2010). Por ser este os espaços que as crianças dispõem, usufruem para brincarem e se divertirem, o fazem da maneira como o espaço lhe permite.

Chamamos a atenção novamente para o fato de que embora o parque seja frequentado por crianças de vários bairros da cidade (Emílio Moreira, São Benedito, São José Operário e Vitória Régia) observamos que as crianças das redondezas do parque raramente se relacionam com as demais crianças e vice-versa. Há, portanto pouco contato entre diferentes grupos de crianças e cada grupo limita-se a seu suposto território, de modo que, outros subgrupos se formam: grupos de meninos e meninas formam aglomerados distintos. Estes subgrupos não procuram relacionar-se, mantêm-se divididos seja por gênero ou por procedência.

Os meninos tem preferência por brincar de futebol e como a quadra estava interditada, improvisam em pequenos espaços dentro do parque. Os times, como eles se referem, já estão implicitamente estabelecidos, é como se já estivesse pré-determinado quem joga no time de quem, então é chegar e ir brincando, não sem pequenas discussões durante o jogo sobre quebra de regra e todos se tornam juízes.

Já as meninas gostam sempre de estar em grupo, mas com outras preferências de brincadeiras, geralmente os brinquedos do parque são suas preferências, como por exemplo, no bate-bate, balanço, pulando corda, somente em alguns momentos optam por brincarem de queimada. Não observamos frequente interação entre meninos e meninas na prática do ato de brincar, fazendo assim com que os grupos de gêneros se formem pelas preferências das brincadeiras e até mesmo dos vínculos já estabelecidos com os colegas. De modo que meninos e meninas seguem construindo experiências lúdicas diferentes (BROUGÈRE, 2010).

Durante todo o período que observamos as brincadeiras no Bairro Vitória Régia, não presenciamos crianças brincando com brinquedos, a não ser com os que ficam localizados no parque. Mas durante as entrevista com as crianças ao perguntarmos se elas tinham brinquedo em casa, a resposta veio em coro *“eu tenho! Tenho bonecas, cozinhas e um monte de panelas”*, indagamos então qual brincadeira preferiam no parque e me responderam que lá gostavam de brincar de correr, realizar outras brincadeiras. Numa referência à maior mobilidade no ato de brincar.

Mesmo possuindo vários brinquedos as crianças ainda almejam outros que estão sendo lançados no mercado, como por exemplo, *“quero uma pochete da Barbie que vem um monte de coisa” “um patinete, uma boneca monster high”; “ uma quadra grande de ping-pong”*. Esses são os anseios de consumo das crianças e que correspondem à postura que os adultos de seu meio adotam e que, por outro lado, a mídia se apresenta como principal autoridade no processo de colonização da consciência infantil (KINCHELOE, 2001).

Ainda assim, o brincar ultrapassa os limites do mercado industrial e sobrevive num simples ato de imaginar, no passar a ser, na troca, na disputa, na busca de estratégias para interagir e se aceitar no grupo, pois o brincar não acontece aleatoriamente, tem um conjunto de princípios que perfazem os estatutos que são as regras. Nem sempre muito claras, nas brincadeiras no parque elas existem sem precisar necessariamente de um fiscal, pois todos dizer a verdade é a principal cláusula.

Regras, regras não existem...Ah! Mas só não vale mentir quando errar e nem empurrar o outro, porque antes tinha muita confusão aí ele (um dos participantes) criou isso e todo mundo gostou porque ficou fácil né? (Grupo B- Crianças que brincam no Parque).

Nessa interação e organização de estruturas de convivência as crianças vão se constituindo autonomamente como sujeito. É fato que tais representações sociais são tomadas como modelo do universo adulto, mas readaptado e ressignificados por elas no momento em que palpitam sobre as regras, em que disputam ou em que experimentam sentimentos positivos ou negativos. É nesse processo de interação que vão constituindo-se como sujeitos, aprendendo a lidar com sensações que são corriqueiras no dia-a-dia, aprimorando com isso a sua subjetividade (BENJAMIN,1984).

É também essa capacidade ressignificação que faz com que a criança atribua ao brincar um sentido próprio a partir do seu olhar, deste modo podemos aferir que pelo brincar ela aprende a ser, a viver e conviver e, acima de tudo a aprimorar suas concepções de mundo.

Para as crianças, portanto, nada é algo pronto e acabado é sempre um constante devir, onde a cada momento constrói-se e reconstrói-se a partir das vivências e experiências consolidadas. Muitas vezes para um adulto montar e remontar um mesmo brinquedo não seja interessante, mas para uma criança esse ato de recriar e refazer são de suma importância, pois para cada ação ela emprega um significado novo. *“Todos os dias a gentes vêm aqui brincar de bola, aqui nos brinquedos é sempre assim”.* (Grupo B- Crianças que brincam no Parque). *“Nem sempre estamos todas aqui. Mas quando dá, aí a gente se junta e brinca”.* (Grupo A- Crianças que brincam no Parque).

Uma criança ao se relacionar com um adulto adota uma postura completamente diferente da qual ela assume com outras crianças, pois entre elas são consideradas com a mesma autonomia, com experiências similares que minimizam a autoridade e a hierarquia de um em relação ao outro. Parece haver outra lógica regendo a vida.

Considerações Finais

A partir das duas realidades observadas não tivemos como evitar comparar os dois contextos. A falta de estrutura física no primeiro contrasta com o segundo, assim como as oportunidades de espaços privilegiados para as brincadeiras infantis. O fato das famílias possuírem renda mais favorável à aquisição de brinquedos, jogos etc., resguardam as crianças das ruas, da violência no trânsito e permite acesso a uma vida mais “protegida”. Por outro lado a liberdade, a espontaneidade da criança passa invisível em meio ao universo dos adultos, pouco se percebe sua presença nesse contexto mais amplos, o que converge nossos olhares para as instituições que rebem a criança como referência para atender suas necessidades, seja escolares ou educativas.

Contudo, não podemos esquecer que as crianças produzem cultura através do ato de brincar independentemente do local que se encontram, mas como pertencem a uma realidade, são afetadas e afetam no contexto social em que estão inseridas, por isso ao interagirem com o meio mesmo nos seus primeiros contatos recebem influências e influenciam nas práticas desenvolvidas no espaço. Conforme Redin

(2009, p.119) acreditamos que “a criança não é somente um ser de relações, mas um ser criador, que tem poder e que cria culturas singulares”.

Ao brincar a criança tem a possibilidade de construir sua própria identidade por meio das descobertas e trocas que vivencia em suas brincadeiras, pois é brincado que a criança é capaz de conhecer o seu espaço, de adquirir seus conhecimentos e valores, aprendendo assim a construir sua particularidade através do coletivo.

É na brincadeira que a criança se sente realizada, criando e recriando situações imaginárias, desenvolvendo assim sua interação com o outro. Kramer e Leite (1996, p. 36) afirma que a “infância remete a imaginação, à criação, ao sonho coletivo, à história presente e futura”, então é o que concretiza as brincadeiras como artifício para construção da singularidade da criança, não podendo, dessa forma, ser negligenciada e ignorada, pois pensar a criança como simplesmente um adulto qualificado para o amanhã a desqualifica enquanto um sujeito do presente.

Brincar também é uma forma de buscar estabilidade emocional, pois certas brincadeiras trazem os elementos necessários para lidar com os medos, a angústia, a surpresa, o abandono, o poder, que são emoções necessárias ao convívio coletivo, ao convívio de pares. Brincar, como uma atividade compartilhada, permite ao ser humano conhecer e reinventar, “reproduzir e interpretar”, gerando novas formas culturais entre as crianças. Através do brinquedo, a criança também tem acesso ao passado e ao futuro, revitalizando e inventando o mundo a que almeja (REDIN 2009, p.124).

Deste modo, a brincadeira aprimora a existência humana, possibilitando à criança revigorar e criar, também amplia a capacidade de encarar a realidade tornando-se mais preparada para lidar com as inúmeras incertezas. Por isso, a atividade lúdica não pode ser pensada fora do contexto social e cultural da infância. Para Sarmento (2006) brincar não é uma atividade exclusiva das crianças, mas é próprio do homem, embora seja relacionado como uma das atividades sociais mais significativas atribuídas à criança por excelência, opondo-se às ações do adulto, ao qual vive uma rotina catalogada por compromissos profissionais.

Referências

BELTRAME, L. M.; OLIVEIRA, L. **Parque infantil e brincar de faz-de-conta: uma parceria retratada no cotidiano infantil.** Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba, 2011. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5216_3634.pdf.>

BENJAMIN, W. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação.** São Paulo: Sumus, 1984.

BROUGÈRE, G. **Brinquedo e cultura.** São Paulo: Cortez, 2010.

CARVALHO, A. M. A.; MAGALHÃES, C. M. C.; PONTES, F. A. R.; BICHARA, I. D. **Brincadeira e cultura: Viajando pelo Brasil que brinca.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

DELGADO, A. C. C.; MULLER, F. (Org.). Apresentação: tempos e espaços das infâncias. In: **Currículo sem Fronteiras**, v.6, n.1, pp.5-14, Jan/Jun 2006.

- FARIA, A. L. G. **Educação pré-escolar e cultura**: para uma pedagogia da educação infantil. 2. ed. Campinas: Cortez, 2002.
- HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- KINCHELOE, J. McDonald's, poder e crianças: Ronald McDonald's (também conhecido como Ray Kroc) faz tudo por você. In: STEINBERG, S.; KINCHELOE, J.L. **Cultura infantil**: a construção corporativa da infância. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- KRAMER, S.; LEITE, M. I. **Infância**: Fios e Desafios da Pesquisa. SP: Papirus, 1996.
- MENDONÇA, E. M.. S. **Apropriações do espaço público**: alguns conceitos. Rio de Janeiro: Instituto de Psicologia, 2007.
- MERLEAU-PONTY, M. **O olho e o espírito**. São Paulo: Ed. Cosac & Naify, 2004.
- NORONHA, E. L. **As crianças perambulantes-trabalhadoras, trabalhadoras perambulantes nas feiras de Manaus**: Um olhar a partir da Sociologia da Infância. Tese de Doutorado. Universidade do Minho, 2010.
- PARINTINS. **Lei Orgânica do Município**. Parintins: Câmara Municipal. 2010.
- QUEIROZ, N. L. N.; MACIEL, D. A.; BRANCO, Â. U. Brincadeira e desenvolvimento infantil: um olhar sociocultural construtivista. **Rev. Paidéia**. Universidade de Brasília, 2006, p. 169-179.
- REDIN, M. M. Crianças e suas culturas singulares. In: MULLER, F. (Org.). **Teoria e prática na pesquisa com crianças**. São Paulo: Cortez, 2009.
- SARMENTO, M. J. A reinvenção do ofício de criança e de aluno. In: **Atos de pesquisa em educação**, v. 6, n. 3, p. 581-602, set./dez. 2011.
- SARMENTO, M. J. **Jogo, Imaginário e Educação**. Braga-Portugal. Relatório da Disciplina Sociologia da Infância: UMINHO-IEC, 2006.
- SARMENTO, M. J. **Notas sobre a infância e a cidade**. Braga: Universidade do Minho- IEC, 2009.
- TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.
- WAJSKOP, G. **Brincar na educação infantil**: uma história que se repete. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2012.